

O MERCADO MUNDIAL DE CAFÉ E SUAS TRANSFORMAÇÕES NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX (C. 1851-C.1895)



<https://doi.org/10.22228/rtf.v16i2.1284>

Marcos de Brito Monteiro Marinho

 Universidade Federal Fluminense

 E-mail: marcosmonteiromarinho@gmail.com

Resumo: O artigo analisa as transformações vivenciadas pelo circuito comercial do café, no período 1851-1895, quando observamos o início de sua padronização internacional. A análise busca compreender a conjuntura de contínua elevação dos preços do café a partir de dois cenários distintos: o crescimento acelerado da demanda combinado à irregularidade no crescimento de sua oferta. Para isso, nos utilizamos de dados que nos permitiram mapear a circulação desta commodity em escala global.

Palavras-chaves: Cadeias de mercadorias; mercados globais; século XIX

Abstract: The article analyzes the transformations experienced by the commercial coffee circuit within the period 1851 – 1895, when we observed the beginning of its international standardization. The analysis seeks to understand the conjuncture of continuous increase in coffee prices from two different scenarios: accelerated growth of demand combined with irregular growth of its supply. For this we used data which allowed us to map out the movement of this commodity on a global scale.

Keywords: Commodity chains; global market; 19th Century.

Introdução

As primeiras décadas do século XIX foram decisivas para que o café se consolidasse como produto consumido de forma maciça. Diferentemente do açúcar, que tem parte relevante de sua produção originada dos países de clima temperado, graças à produção do açúcar de beterraba, o café era (e ainda é) inteiramente produzido em zonas tropicais. No entanto, maior parte de seu consumo se realiza(va) nos Estados Unidos e Europa. Neste sentido, as cadeias de produção e comercialização do café traduzem a dinâmica da economia mundial no contexto de transição para o capitalismo monopolista.

Muitas das regiões periféricas que reforçaram vínculos preexistentes junto à economia mundial na segunda metade do século XIX o fizeram em razão da exportação de *commodities*, dentre elas o café. Isto pode ser verificado pelos casos da Venezuela, que transferiu a força de trabalho alocada na produção de cacau para a cafeicultura, da

Colômbia¹ e da América Central/Caribe – Porto Rico, Haiti, Costa-Rica, Guatemala, Nicarágua e El Salvador.² Este processo só foi possível porque ao longo de quase todo o período 1851-1895, a demanda por café cresceu de forma mais acelerada que a oferta, de modo que as tradicionais regiões – o Vale do Paraíba e as colônias de Java (atual Indonésia) e Ceylão (atual Sri Lanka) – não foram capazes de satisfazê-la, abrindo espaço para novos produtores. Dentre esses, destacaram-se aqueles que expandiram as fronteiras do café no interior do Brasil, em direção ao oeste de São Paulo e da Zona da Mata Mineira.³

Importante destacar que em todas as regiões do planeta em que o café foi produzido neste período, a força de trabalho empregada, na maior parte das vezes, não foi assalariada. Deste modo, os problemas relacionados à mão-de-obra foram o centro das atenções dos produtores de café do Brasil, que já havia abolido o tráfico negreiro, mas desde os anos 1860 se viu às voltas com a questão da libertação do ventre da mulher escrava e, posteriormente, com a abolição da escravidão; e das zonas coloniais da África e da Ásia, que mantiveram o regime de cultivo foçado de café em terras camponesas até a Primeira Guerra Mundial.⁴ Neste sentido, as diferenças em relação ao açúcar são novamente marcantes. Isto porque a fração agrícola de sua produção pôde ser radicalmente aprimorada mediante o desenvolvimento de novas variedades de cana de açúcar. O cultivo do café, por outro lado e a despeito de algumas publicações científicas que vieram à tona no período, não vivenciou nenhuma transformação relevante até meados do século XX.⁵

1. Tendências gerais do mercado global de café (1851-1895)

A cadeia comercial do café é um constructo histórico dinâmico, que envolve o plantio, a colheita e o beneficiamento, o transporte local e transatlântico, bem como a distribuição da mercadoria no exterior para que possa chegar às mercearias, e às residências que o consomem. Trata-se, portanto, dos vínculos bilaterais que unem os

1OCAMPO, José Antônio. “O mercado mundial do café e o surgimento da Colômbia como um país cafeicultor.” Revista Brasileira de Economia. Rio de Janeiro, v. 37, nº 4, 1983.

2KUTSCHBACH, Mario Samper. “The Central American coffee commodity chain”. Oxford Research Encyclopedia: Latin American History. Oxford University Press USA, 2020.

3Sobre a expansão cafeeira na Zona da Mata, ver: VITTORETTO, Bruno Novelino. Fronteiras do café na Zona da Mata Mineira (1870-1940). Tese de Doutorado. PPGH-UFJF. Juiz de Fora, 2016. Para o Oeste de São Paulo, ver: D’ARBO, Renata Cipolli. Desenvolvimento tecnológica na agricultura cafeeira em São Paulo e Ribeirão Preto (1875-1910). Tese de Doutorado. PPGHE-USP. São Paulo, 2014.

4CLARENCE-SMITH, William G. & TOPIK, Steve. Introduction. In: CLARENCE-SMITH, William G. & TOPIK, Steven. The Global Coffee Economy In Africa, Asia, and Latin America (1500-1989). Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 8-10. As lutas que envolveram o Estado brasileiro e a questão da escravidão após a Guerra Civil Americana podem ser vistas em: YOUSSEF, Alain El. O Império do Brasil na segunda era da abolição (1861-1880). Tese de Doutorado, PPGHS-USP: São Paulo, 2019.

5CLARENCE-SMITH, William G. & TOPIK, Steve. Introduction. 2003. op. cit. p. 11.

produtores aos consumidores. Isto significa que suas percepções subjetivas, relacionadas ao aroma, textura, sabor e aparência, afetaram de diferentes maneiras os produtores ao redor do mundo – uma mesma espécie de café pode apresentar características muito distintas se for produzida sob condições climáticas distintas. Não à-toa, a padronização internacional desta mercadoria foi mais lenta do que a das *commodities* que poderiam ter sua qualidade aferida mediante testes, como é o caso das medições de resistência e comprimento das fibras de algodão, ou mesmo da “doçura” dos açúcares.⁶ Ao mesmo tempo, as (re)ações dos produtores das diversas regiões do globo às mudanças de cenário externas não são uniformes e nem meros reflexos das conjunturas, pois exerceram grande poder de influência sobre a cadeia mercantil do café.

Neste sentido, a complexificação do produto resultou na transnacionalização de algumas etapas de sua produção – o chamado “segundo beneficiamento”, que consiste, basicamente, na moagem e na torrefação dos grãos – e da apropriação dos lucros gerados pela cadeia.⁷ Isto fez com que empresas de torrefação surgissem em território norte-americano, como é o caso da Woolson Spice Company, fundada no ano de 1882 por Alvin Mansfield Woolson, soldado veterano da Guerra Civil. No entanto, até as últimas décadas do século XIX, o costume norte-americano foi o de adquirir o café para torr-lo em casa. Durante muito tempo, estas empresas não foram capazes de suplantar a preeminência das pequenas mercearias ou das pequenas empresas de torrefação que vendiam seu café não-torrado ou torrado à maneira tradicional, até que descobriram um método de preservar o sabor do café moído – embalagem a vácuo –, ganharam a confiança dos consumidores e, enfim, assumiram o controle da cadeia mercantil, até então exercido pelos importadores. Um processo semelhante ocorreu na cadeia do açúcar. Maior parte das importações britânicas eram de açúcar mascavo, que passavam pelo processo de refinamento somente nas indústrias inglesas. Se é verdade que desde o século XV os europeus já haviam dominado as técnicas e tecnologias necessárias a esta atividade, foi somente no século XIX que ela adquiriu peso relevante no conjunto da atividade econômica, em meio à Revolução Industrial.⁸

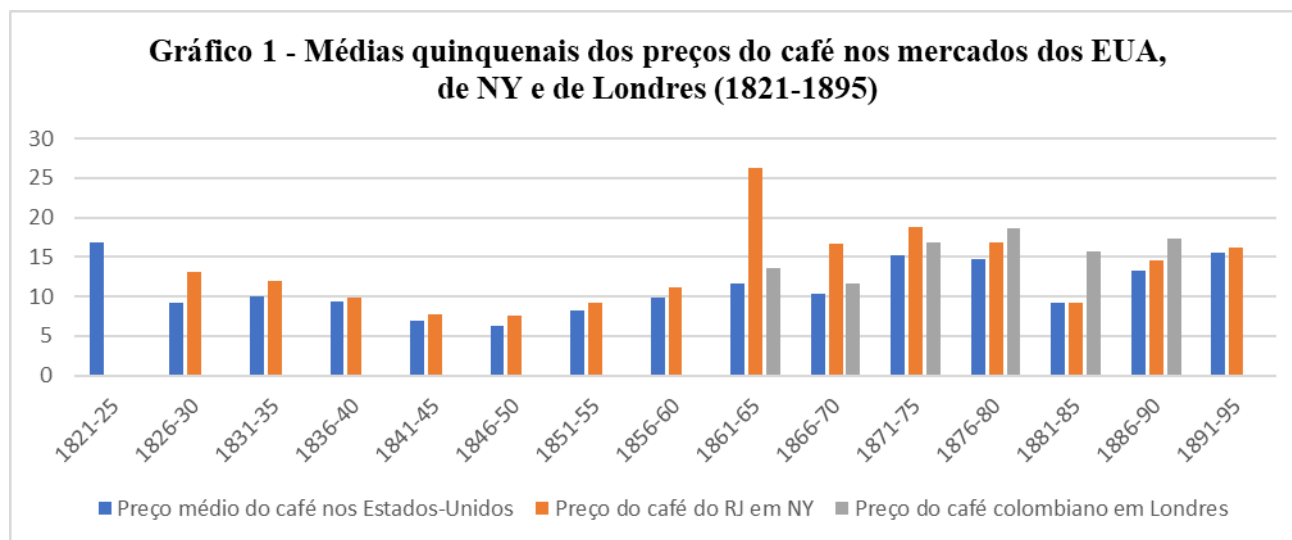
Em relação ao café, todo este processo é datado dos anos 1870, quando da instalação dos cabos telegráficos que passaram a unir a América do Sul às cidades de Nova York e

6TOPIK, Steven. Integration of world coffee market. In: CLARENCE-SMITH, William G. & TOPIK, Steve. 2003. op. cit. p. 23-24.

7TOPIK, Steven & SAMPER, Mario. “La cadena de mercancías del café latino-americano: Brasil y Costa Rica; In: TOPIK, Steven; MARICHAL, Carlos; FRANK, Zephyr (orgs.). De la Plata a la Cocaína: cinco siglos de historia económica de América Latina (1500-2000). FCE: Cidade do México, 2017. p. 170-171.

8VIEIRA, Pedro Antônio. “A inserção do “Brasil” nos quadros da economia-mundo capitalista no período 1550-c.1800: uma tentativa de demonstração empírica através da cadeia mercantil do açúcar.” Economia e Sociedade, Campinas, v. 19, n. 3. 2010. p. 523-525.

Londres, fazendo com que as informações sobre oferta, demanda e preços se internacionalizassem rapidamente.⁹ Não há dúvida de que os grandes beneficiados foram os importadores e torrefadores, que iniciaram um processo de integração junto às outras partes da cadeia do café, enviando agentes para os países produtores com o objetivo de comprar diretamente deles. No entanto, em um primeiro momento, as especulações em torno do café fizeram com que seus preços internacionais crescessem de forma abrupta. O gráfico abaixo explicita esta tendência.



Fonte: SAMPER, Mario & FERNANDO, Radin. 2003. op. cit. p. 450-451. OCAMPO, José Antônio. “O mercado mundial do café e o surgimento da Colômbia como um país cafeicultor.” *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, v. 37, nº 4, 1983. p. 457.

Aparentemente o gráfico contradiz nosso argumento ao mostrar que, no período 1861-65, o preço médio do café do Rio de Janeiro em Nova York atinge seu maior valor em todo o período, apresentando crescimento de 136% em relação ao período 1856-60. O mesmo acontece com os preços médios dos cafés colombianos e javanês no mercado novaiorquino para este período, embora não estejam no gráfico.¹⁰ No entanto, este fenômeno não se repete no restante do país – os preços de 1861-65 são apenas 19,28% maiores que os de 1856-60. Isto se justifica porque durante a Guerra Civil, exatamente entre 1861-1865, os portos do sul do país foram bloqueados. O principal porto importador de café àquela altura era o de Nova Orleans, que entre 1851-1860 respondeu por exatamente 1/3 de todo o café importado do Rio de Janeiro pelos Estados Unidos. O porto de Nova York, por sua vez, importou da capital do Império pouco mais de 1/4 do café no mesmo período. Com o bloqueio dos portos do sul, Nova York passou a ser o principal porto importador de café do país, responsável por 64% de todo o café trazido do Rio de

⁹TOPIK, Steven & SAMPER, Mario. 2017. op. cit. p. 195.

¹⁰Estes dados estão presentes em: SAMPER, Mario & FERNANDO, Radin. 2003. op. cit. p. 450-451.

Janeiro no período 1861-65 – Nova Orleans pôde importar somente 1,15% do café da Corte durante a guerra.¹¹ Como veremos adiante, a vitória da União não alterou este quadro. No momento, o importante é destacar que o crescimento do preço do café em Nova York no período 1861-65 se explica pelo fato de a procura por café ter aumentado significativamente nos portos da cidade.

O gráfico nos mostra que a partir do período 1851-55, os preços médios do café nos Estados Unidos cresceram de maneira gradual até o período 1871-75, quando deram um salto de 47% em relação ao período que o antecedeu. O mesmo aconteceu com o café colombiano no porto de Londres: seus preços médios aumentaram 45% entre os períodos 1866-70 e 1871-75. No período seguinte, 1876-80, mantiveram-se elevados – nos Estados Unidos permaneceram estáveis e em Londres aumentaram cerca de 10,5%. Portanto, diferentemente do que se passou com os preços do café fluminense no porto de Nova York durante a Guerra Civil, o crescimento abrupto dos preços ao longo dos anos 1870 foi um fenômeno global causado por alterações estruturais na cadeia mercantil do café. A New York Coffee Exchange, criada em 1882, surgiu com o objetivo de impedir estas variações bruscas de preço. Na sequência, outras “bolsas de café” foram inauguradas em Londres, Hamburgo, e Havre, algumas das principais regiões importadoras de café do mundo.¹² Estas instituições contribuíram para aprofundar algumas das transformações em curso na medida em que o acesso facilitado às informações disponibilizadas pelas bolsas prejudicava os comerciantes locais. Historicamente, estes agentes mantinham redes de relações que lhes permitiam obter uma série de informações privilegiadas a respeito dos estoques e das qualidades dos cafés disponíveis em uma determinada safra.¹³ Em linhas gerais, os mercados de café se tornaram cada vez mais impessoais na exata medida em que se tornaram, cada vez mais, internacionais.

A segunda metade do século XIX também consolidou uma tendência que já havia sido esboçada no período anterior: a demanda por café tornou-se cada vez mais inelástica, ou seja, seu consumo não decrescia mesmo com os preços aumentando mais do que a renda média da população. De fato, foi o que aconteceu ao longo de todo o século XIX, uma vez que a taxa de crescimento anual de consumo de café nos países desenvolvidos – Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha – foi de 1,8% entre 1830-1900, ao passo que o crescimento do produto interno bruto per capita desses mesmos países no mesmo período foi de 1,2%. Entretanto, nos períodos 1860-1880 e 1880-1900, o consumo de café

11Jornal do Commercio (exemplares coletados entre os anos de 1861-65). Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

12TOPIK, Steven. Integration of world coffee market. In: CLARENCE-SMITH, William G. & TOPIK, Steve. 2003. op. cit. p. 39.

13Idem, ibidem. p. 40.

naqueles países cresceu a uma taxa de 3% e 2,8% ao ano, respectivamente, enquanto o PIB per capita cresceu a uma taxa de 1,1% e 1,5% ao ano, respectivamente.¹⁴ Se retomarmos ao gráfico 1, veremos que nos períodos de maior crescimento do consumo os preços médios do café eram os maiores desde 1821-25, quando seu consumo sequer havia se massificado.

O fato de a demanda ter se tornado inelástica foi uma das principais razões para a recuperação nos preços do café, que havia atingido seu menor patamar entre os anos de 1844 e 1848. Embora este processo não tenha escapado das inevitáveis oscilações cíclicas, se compararmos os preços médios do café nos Estados Unidos entre 1851-95, veremos que apenas em dois dos nove quinquênios eles oscilaram para baixo em relação ao seu antecessor – 1866-70 e 1881-85. Esta tendência ascendente dos preços é reflexo das dificuldades enfrentadas pelas principais regiões produtoras de café do mundo para satisfazer a demanda que, como vimos, crescia mais rapidamente. A tabela abaixo nos ajuda a compreender algumas dessas dificuldades.

Tabela 1 – Participação % das seis maiores regiões produtoras de café no total das exportações mundiais desta mercadoria (1856-1895)

<i>Períodos</i>	<i>América Central</i>	<i>Brasil</i>	<i>Venezuela</i>	<i>Ceilão</i>	<i>Índia</i>	<i>Indonésia</i>
1856-60	2,82%	52,66%	3,44%	8,77%	1,88%	22,88%
1861-65	3,39%	45%	3,39%	11,42%	3,70%	21,29%
1866-70	4,21%	50%	3,97%	12,16%	3,72%	18,61%
1871-75	5,24%	48,52%	7,52%	10%	4,55%	11,39%
1876-80	6,35%	46,82%	6,14%	8,05%	3,60%	6,57%
1881-85	7,52%	55%	6,83%	3,07%	2,90%	15,21%
1886-90	14,00%	55,24%	8,61%	1,31%	2,81%	11,23%
1891-95	14,03%	58,22%	6,61%	0,50%	2,25%	8,71%

Fonte: SAMPER, Mario & FERNANDO, Radin. 2003. op. cit. p. 418, 424-425, 428-429, 432-433, 436-437.

É necessário fazermos duas observações antes de analisar a tabela: 1) a categoria “América Central” reúne a Costa Rica, Guatemala, Haiti e Porto Rico; e 2) não consideramos o período 1851-56 porque, apesar de haver dados disponíveis para as exportações de cada uma dessas regiões, não há a média global das exportações para este período, tornando impossível sabermos qual fatia do mercado mundial era coberto pelas exportações de cada espaço em questão. Se compararmos a participação destas regiões no

¹⁴OCAMPO, José Antônio. op. cit. p. 449-450.

mercado internacional nos períodos de 1856-60 e de 1891-95, teremos a impressão de que nada mudou, pois o resultado é muito parecido: 92,45% no primeiro caso, 90,32% no segundo. Mas entre os dois períodos, é possível observar mudanças muito significativas. A principal delas certamente é a perda de importância da Ásia como um todo.

A colônia britânica do Ceilão, atual Sri Lanka, conseguiu expandir sua participação nas exportações até o período 1866-70, quando atingiu a cifra de 48,6 mil toneladas anuais de café exportadas – crescimento de 33,3% em relação ao período 1861-65, quando a média anual de exportações foi de 36,6 mil toneladas. Daí em diante, no entanto, a tendência de queda se instalou, tendo se aprofundado decisivamente a partir do período 1881-85, quando as exportações anuais atingiram a cifra de 18,3 mil toneladas, número 52% inferior à média de 38 mil para o período 1876-80. A Índia, por sua vez, atingiu seu apogeu no mercado mundial do café no período seguinte ao do Ceilão, 1871-75, mas suas exportações jamais chegaram a ser relevantes, pois nunca atingiram uma média de 20 mil toneladas anuais. Dali para frente, perdeu importância relativa graças à queda do volume absoluto de suas exportações, embora o período 1891-95 ainda mostre um crescimento de 180% na produção cafeeira em relação ao quinquênio 1856-60, quando sequer atingiu a marca das 6 mil toneladas.

A região que hoje conhecemos como Indonésia, à época colônia holandesa de Java, seguiu trajetória distinta, porque apresentou decréscimo nas exportações desde o início, embora tenha conseguido recuperar parte do espaço relativo perdido na primeira metade dos anos 1880, quando atingiu os maiores valores de exportação de café, 89,65 mil toneladas anuais. A partir da trajetória de Java é possível notar como a demanda por café cresceu na segunda metade do século XIX: em 1856-60, as 72,6 mil toneladas anuais exportadas correspondiam a pouco menos de ¼ das exportações mundiais, mas em 1881-85, o crescimento de 23% em relação ao montante de 1856-60 respondia apenas por 15,21% das exportações mundiais.

Quem melhor aproveitou as oportunidades abertas pela decadência da cafeicultura asiática não foi o Brasil, mas sim um conjunto de regiões da América Central e a Venezuela. Em relação à primeira, a tabela demonstra o quanto perene foi sua expansão na medida em que registra aumento na participação relativa das exportações mundiais em todos os períodos – entre 1856-60 e 1891-95, as exportações da América Central cresceram 827%, saindo das 9,42 mil toneladas métricas para as 87,36 mil toneladas métricas anuais. A Venezuela, por sua vez, aumentou sua participação relativa de forma irregular, pois houve períodos de recuo, embora o volume absoluto de exportações sempre tenha apresentado crescimento ou estabilidade em relação ao período anterior, exceção feita ao

período 1876-80. De todo modo, a evolução fica evidente quando observamos que no período 1856-60 ambas as regiões respondiam por apenas 6,26% das exportações mundiais, mas em 1886-90 e 1891-95 respondia por 22,61% e 20,64%, respectivamente.

Apesar de o Brasil jamais ter tido sua posição de principal produtor mundial de café ameaçada, isto não significa dizer que a cafeicultura brasileira na segunda metade do século XIX navegou em águas tranquilas, sobretudo se pensarmos nos tradicionais fazendeiros do Vale do Paraíba. Por mais que ainda não estivessem em crise, seus ritmos de expansão produtiva mostraram-se absolutamente insuficientes não apenas para abarcar novas fatias do mercado mundial antes dominadas pelas colônias europeias da Ásia, mas também para manter aquelas que já estavam sob seu domínio. Se desconsiderarmos o período 1861-65, quando ocorre a Guerra Civil Americana e as aquisições do principal comprador do café brasileiro despencaram, fazendo com que as exportações encolhessem 13% em relação ao período anterior por motivos exógenos, o que se vê é uma perda de participação relativa contínua no mercado mundial entre 1856-60 e 1876-80. Isto fica evidente quando consideramos que, entre 1856-60 e 1871-75, as exportações brasileiras cresceram mais de 31% - saíram de 168 para 221 mil toneladas anuais -, mas a participação no mercado mundial caiu de 52,66% para 46,82%. A retomada do espaço da cafeicultura brasileira só se concretiza quando a produção da Zona da Mata Mineira e do Oeste Paulista despontam de modo definitivo, nos anos 1880 – entre 1881 e 1895, o Brasil exportou 4.895 mil toneladas de café, das quais 2.114 mil ou 43% são provenientes de São Paulo e 1.161 mil ou 23% são provenientes de Minas Gerais.¹⁵

Podemos agora retomar o gráfico 1. O fato de os preços terem se mantido no maior patamar da série ao longo da década de 1870 não se deve apenas à especulação potencializada pelas novas tecnologias de comunicação. Este foi um período em que a crise já havia se abatido sobre a cafeicultura da Ásia, mas a América ainda não havia respondido a esta circunstância adequadamente. De fato, se analisarmos os períodos 1871-75 e 1876-80 em conjunto, veremos que a década de 1870 foi o momento em que os seis grandes produtores de café do planeta responderam pela menor parte das exportações: 82,37% - nos anos 1860 e 1880, estes números foram de 90,4% e 91,86%, respectivamente. Ou seja, o início da chamada *Era dos Impérios* parece ter sido um momento decisivo tanto para os produtores, quanto para os consumidores. Neste texto, nos dedicaremos à análise da expansão da demanda pelo café em escala atlântica, uma vez que Europa e Estados Unidos consolidam-se como os grandes compradores desta mercadoria.

15PIRES, Anderson José. Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora (1870-1930). Dissertação de Mestrado. Niterói: PPGH-UFF, 1993. p. 81; BACHA, Edmar & GREENHILL, Robert: 150 anos de café. São Paulo: Salamandra Cons. Editorial, 1992, p. 324-325.

2. A expansão da demanda: Europa e Estados Unidos (1851-1885)

Nesta seção, temos dois grandes objetivos: 1) analisar a evolução das importações de café realizadas, principalmente, pelos quatro maiores importadores desta mercadoria na segunda metade do século XIX, quais sejam, Estados Unidos, França, Alemanha e Inglaterra; e 2) avaliar a participação relativa do café exportado pelo porto do Rio de Janeiro no conjunto das importações destas nações em comparação com os montantes importados de outros espaços produtores de café. Apesar de o porto do Rio de Janeiro, entre 1851-1885, ter enviado café para 29 países e 86 portos diferentes, as quatro nações supracitadas foram responsáveis pela importação de mais de 4,25 milhões de toneladas ou 86% de todo o café que saiu da capital do Império com destino ao mercado mundial.¹⁶ Os Estados Unidos, como se sabe, foram os maiores importadores, pois sozinhos adquiriram 2,62 milhões de toneladas ou 53% do total. A Inglaterra importou 738 mil toneladas ou 15% do total, enquanto França e Alemanha importaram, respectivamente, 532 mil e 360 mil toneladas, que equivaliam, respectivamente, a pouco menos de 11% e 7%.¹⁷

No entanto, ao contrário do que estes números possam sugerir, estes quatro países não eram os maiores consumidores de café do mundo em relação às suas respectivas populações. Mesmo se considerarmos o crescimento contínuo do consumo *per capita* de café nos Estados Unidos, países como a Holanda, Bélgica e Noruega, entre 1876-80, tiveram um consumo *per capita* médio de 6,57kg, 4,13kg e 4kg, respectivamente, números bastante superiores aos dos Estados Unidos para o mesmo período. Portanto, estes países também possuíam consumo *per capita* bastante superior aos da França e da Alemanha, que correspondiam a 1,37kg e 2,31kg, respectivamente – o consumo *per capita* da Inglaterra, por sua vez, caiu bastante ao longo de toda a segunda metade do século XIX em razão do aumento do consumo *per capita* do chá.¹⁸ A explicação para uma aparente baixa incidência do café do porto do Rio de Janeiro nestes espaços pode estar relacionada tanto à

16Considerando os limites territoriais atuais, os países são: Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, as Colônias Britânicas, Portugal, Itália, Suécia, Finlândia, Turquia, Noruega, Dinamarca, Espanha, Malta, Bélgica, Holanda, Austrália, Rússia, Uruguai, Argentina, Áustria, Cuba, Belize, Canadá, México, S. Thomaz e Príncipe, Chile, Grécia e Bahamas. Os portos, por sua vez, são: Nova Orleans, Boston, California, Baltimore, Charlston, Nova York, Filadélfia, Canton, Richmond, Belle Isle, Hampton Roads, Galveston, Sandy Hook, Breakwater, Shelly Island, Dartmouth, Savannah, Liverpool, Southampton, Cowes, Londres, Plymouth, Gibraltar, Guernsey, Canal, Falmouth, Cork, Swansea, Port-Elizabeth, Cabo da Boa Esperança, Bermudas, Índias Ocidentais, Malvinas, Marselha, Bordeaux, Nantes, Havre, Hamburgo, Altona, Flensburg, Finninge, Lubeck, Bremen, Lisboa, Açores, Porto, Triste, Borgo, Gênova, Stocolmo, Norkoping, Gotemburgo, Helsingfors, Abo, Christinestad, Esmirna, Constantinopla, Trondheim, Bergen, Kristiansund, Stavanger, Christiania, Helsingor, Frederikshavn, Copenhague, Málaga, Barcelona, Cádiz, Mallorca, Roterdã, Melbourne, Wyborg, Montevideu, Buenos-Aires, Viena, Havana, Halifax, S. Thomaz, Valparaíso, Corfu e Nassau.

17Jornal do Comercio (Todas as edições entre 1851-1885). Diário do Rio de Janeiro (todas as edições entre 1872-1876).

18UKERS, William H. op. cit. p. 289.

sua qualidade inferior, quanto ao fato de ele se fazer presente apenas por meio das reexportações dos principais compradores, como a Inglaterra, que tradicionalmente só consumia uma parte bastante diminuta do café que importava do Brasil e de suas colônias.¹⁹

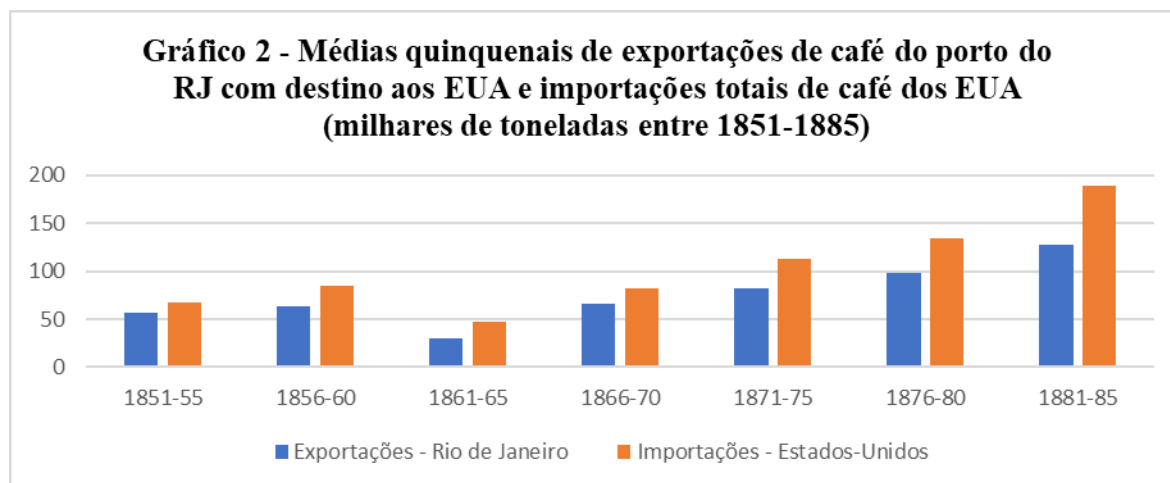
Começamos nossa análise pelos Estados Unidos, que importou café do Rio de Janeiro por meio de 18 portos distintos. Entretanto, apenas quatro destes portos foram responsáveis por 91% destas importações: Nova Orleans, Baltimore, Nova York e o de Hampton-Roads. Conforme já mencionamos anteriormente, até o início da Guerra Civil (1861-65), o porto de Nova Orleans era o principal importador de café do país, e concentrava 33% das importações desta *commodity* entre 1851-1860. No entanto, com o bloqueio dos portos dos Estados Confederados pela União, cada vez mais as importações de café dos Estados Unidos passaram a estar concentradas no porto de Nova York. Entre 1861-1885, 57% de todo o café que o país importou do Império desembarcou nesta cidade. De maneira geral, entre 1851-85, Nova York concentrou 50,2% de todas as importações de café provenientes do Rio de Janeiro.²⁰

Mesmo após a vitória da União, em 1865, o porto de Nova Orleans não parece ter recuperado sua centralidade no comércio cafeeiro dos Estados Unidos, pois entre 1866-1885 foi responsável por apenas 9% das importações de café provenientes do Rio de Janeiro. É possível que a ascensão do porto de Hampton-Roads nos negócios do café, a partir da segunda metade dos anos 1860, tenha colaborado para isso. Entre 1851-65, este porto recebia, em média, apenas 988 toneladas de café por ano. Mas nos 20 anos seguintes, entre 1866-85, as médias anuais de importação do café do Rio de Janeiro foram de mais de 7 mil toneladas. O porto de Baltimore também ganha mais destaque após a Guerra Civil, pois nos primeiros 10 anos – 1851-1860 –, importava uma média anual de quase 12 mil toneladas de café da capital do Império do Brasil, mas nos 20 anos após a Guerra – 1866-1885 –, esta média subiu para 20,58 mil toneladas anuais.²¹ O gráfico abaixo nos ajuda a acompanhar a participação do café exportado pelo porto do Rio de Janeiro nas importações totais de café dos Estados Unidos entre 1851-1885.

19Annual Statement of the Trade and Navigation of the United Kingdom with Foreign Countries and British Possessions. (Edições consultadas: 1863, 1868, 1872, 1876, 1880).

20Jornal do Commercio (todas as edições entre 1851-1885). Diário do Rio de Janeiro (todas as edições entre 1872-1876).

21Jornal do Commercio (todas as edições entre 1851-1885). Diário do Rio de Janeiro (todas as edições entre 1872-1876).



Fonte: *Jornal do Commercio* (Todas as edições entre 1851-1885). *Diário do Rio de Janeiro* (Todas as edições entre 1872-1876). *Historical Statistics of the United States: Colonial Times to 1970*. Washington D.C.; Government Printing Office, 1975, vol. 2, capítulo U, série 296, p. 901-902. Elaboração própria.

Pelo gráfico 2, fica bastante evidente que, na segunda metade do século XIX, o café brasileiro era o mais consumido entre os norte-americanos. Em média, os Estados Unidos importaram, por ano, 102,5 mil toneladas de café entre 1851-1885, das quais 74,9 mil (73%) eram provenientes do porto do Rio de Janeiro. Principalmente após a Guerra Civil (1861-65), há uma tendência de crescimento contínuo das importações de café pelo país, mesmo se considerarmos a tendência de longo prazo da valorização desta *commodity* ao longo de todo este período, conforme pôde ser visto no gráfico 1. Neste período (1866-85), a participação relativa do café oriundo do porto do Rio de Janeiro nas importações totais dos Estados Unidos tendeu a cair. Se entre 1866-70, os norte-americanos importaram 82,5 mil toneladas de café anualmente, das quais 66,8 (81%) eram do Rio de Janeiro, este percentual foi reduzido para 73% entre 1871-80 e para 67% entre 1881-85. Em números absolutos, tanto as importações totais dos Estados Unidos quanto as provenientes do Rio de Janeiro cresceram significativamente, como podemos ver no gráfico 2. Isto não significa, entretanto, que o café brasileiro estivesse perdendo seu espaço no interior do mercado norte americano.

É justamente no momento que o porto de Santos começa a abocanhar fatias cada vez maiores da produção cafeeira da província de São Paulo, entre 1866-80,²² que a importância relativa do café do porto do Rio de Janeiro diminui. Neste sentido, é bem provável que o contrário tenha acontecido: se somarmos o café exportado para os Estados Unidos destes dois portos, veremos que o café brasileiro preserva sua fatia do mercado norte-americano. Isto mesmo considerando que o café de São Paulo era destinado, prioritariamente, para a Europa. Ao menos é o que sugerem as estimativas de Francis B.

²²A respeito deste tema, ver: LAGO, Luiz Aranha Corrêa do. *Da escravidão ao trabalho livre (Brasil, 1550-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 164-165.

Thurber para o período 1874-80 – em média, apenas 15% de todas as exportações do porto de Santos eram destinadas ao mercado dos Estados Unidos.²³ Deste modo, entre 1871-85, as exportações brasileiras de café ocuparam um espaço que variava entre 76% e 79% de todas as aquisições de café dos Estados Unidos. Estes números não são distantes dos oferecidos por Francis B. Thurber. Este autor considera que, entre 1876-80, em média, 73% de todo o café importado pelos norte-americanos era proveniente do Brasil.²⁴

Os demais produtores das Américas, principalmente Colômbia, Venezuela, determinadas regiões do Caribe e América Central disputavam a fatia restante do mercado, que variava entre 25% e 20%. Ainda segundo Francis B. Thurber, os Estados Unidos importaram da Jamaica, de Cuba e de Porto-Rico, entre 1866-1880, cerca de 1,07 mil toneladas por ano, montante quase desprezível se considerarmos o volume total anualmente adquirido por este país durante o período considerado.²⁵ Do Haiti, os norte-americanos importaram, anualmente, entre 1866-80, uma média de 5,15 mil toneladas de café.²⁶ Por fim, as importações provenientes da Costa-Rica tiveram uma média de 2,36 mil toneladas anuais, entre 1866-80.²⁷

Já havíamos mencionado anteriormente que a expansão do consumo mundial de café esteve ancorada no fato de a demanda ter se tornado inelástica, ou seja, não reduzia em função do aumento dos preços. Mas é importante considerarmos que, a partir do ano de 1860, os salários nos Estados Unidos iniciam uma trajetória ascendente até atingirem seu patamar mais elevado justamente às vésperas da crise de 1873.²⁸ Acreditamos que estes movimentos dos salários, combinados aos dos preços do café, exibidos no gráfico 1, nos ajuda a explicar o ritmo da expansão do consumo nos Estados Unidos, ao menos para o período pós-Guerra Civil.

Neste sentido, entre os períodos 1866-70 e 1871-75, os preços do café aumentaram, em média 47% nos Estados Unidos, ao passo que as importações totais de café aumentaram 36%, graças à forte expansão dos salários entre 1865-73 – em 1865, os salários já eram 45% maiores do que em 1860, ao passo que em 1873 eram quase 70% maiores do que os do início da década anterior. Portanto, as importações subiram em um contexto de elevação muito significativa de preços porque os salários também seguiram este comportamento. Os períodos 1871-75 e 1876-80 apresentaram uma situação distinta,

23THURBER, Francis B. *Coffee: from plantation to cup*. New York: American Grocer Publishing Association, 1886. p. 125-126.

24Idem, *ibidem*. p. 204.

25Idem, *ibidem*. p. 137-141; p. 142.

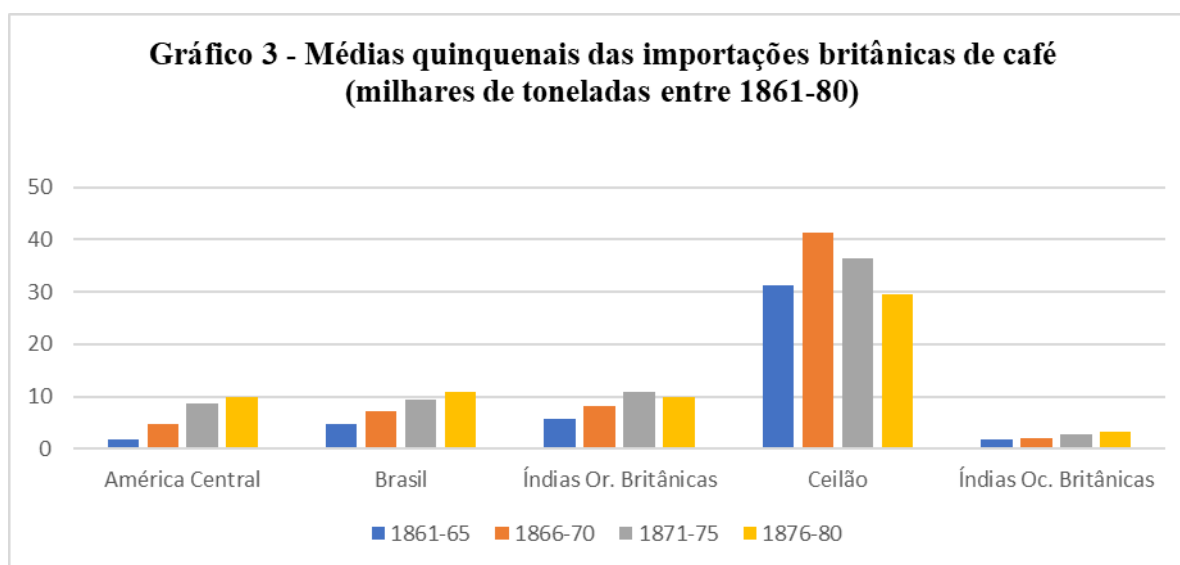
26Idem, *ibidem*. p. 141-142.

27Idem, *ibidem*. p. 150-153.

28MAURO, Frédéric. *História Econômica Mundial (1790-1970)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p. 241.

pois no segundo quinquênio os preços mantiveram-se ainda elevados, enquanto os salários iniciaram uma trajetória de queda. Ainda assim, as importações de café dos Estados Unidos cresceram 19%. Por fim, entre 1876-80 e 1881-85, os preços médios do café caíram 38%, enquanto os salários iniciaram uma retomada no início dos anos 1880. A combinação de preços em baixa e salários em alta resultou no maior crescimento relativo das importações globais de café dos Estados Unidos, 40%.²⁹

A análise do consumo na Europa deve levar em consideração uma questão que, nos Estados Unidos, não pareceu relevante na segunda metade do século XIX: a qualidade do café. De fato, o público europeu mostrou-se mais exigente em relação ao sabor, textura e aroma desta mercadoria. Por essa razão, o café brasileiro não era tão dominante neste mercado quanto foi na América do Norte. Isto fica muito evidente no caso da Inglaterra, cujo café adquirido para consumo era inteiramente proveniente de suas colônias, sendo o Ceilão a principal delas, e da América Central.³⁰ Segundo Thurber, o consumo do café brasileiro era muito baixo.³¹ O gráfico abaixo evidencia este cenário.



Fonte: *Annual Statement of the Trade and Navigation of the United Kingdom with Foreign Countries and British Possessions*. (Edições consultadas: 1863, 1868, 1872, 1876, 1880).

Importante fazermos uma ressalva: os documentos britânicos analisam em separado Ceilão das demais colônias britânicas do oriente, justamente em razão de sua grande importância como fornecedor de *commodities*, das quais o café é a mais destacada. Portanto, o que denominamos de “Índias orientais britânicas” são, principalmente, as colônias indianas de Madras – atual Chennai – e Bombaim, sendo a primeira a responsável por enviar, sempre, mais de 90% dos carregamentos de café à Inglaterra. Deste modo,

²⁹Idem, *ibidem*. p. 239-242.

³⁰THURBER, Francis B. op. cit. p. 211.

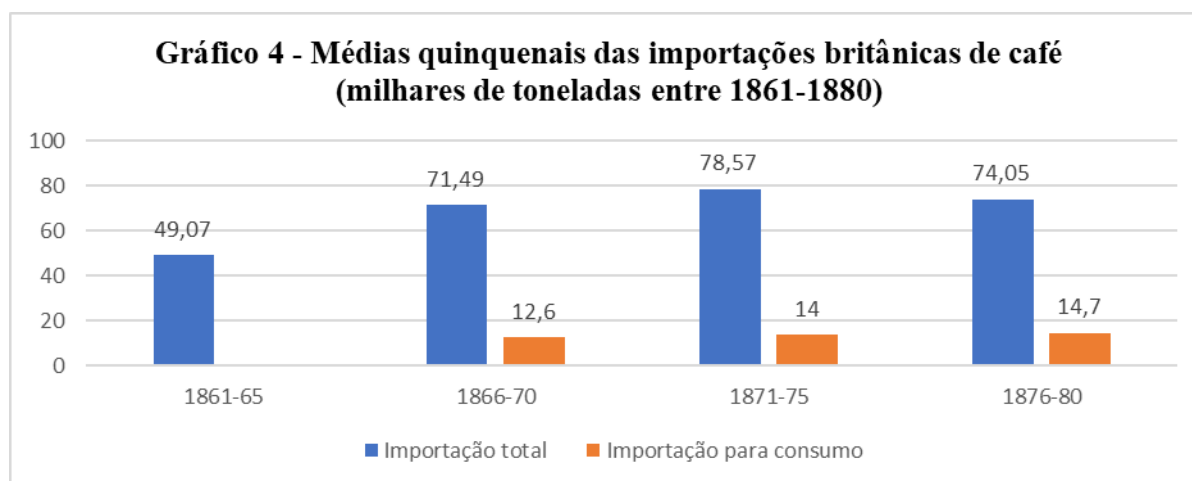
³¹Idem, *ibidem*. p. 210.

optamos por seguir a distinção realizada pelas autoridades britânicas. Também é relevante enfatizarmos que estas cinco regiões foram responsáveis por 90% de todo o café importado pela Inglaterra ao longo de todo o período considerado.

Embora jamais tenha deixado de ser, individualmente, o responsável pela maior fatia do café importado pelos britânicos, o gráfico 3 reafirma a perda de importância relativa da cafeicultura do Ceilão neste comércio. Não há dúvidas de que se dispuséssemos de dados relativos ao quinquênio 1881-85, a queda das importações provenientes do Ceilão seria ainda mais intensa. De todos os grandes fornecedores de café da Grã-Bretanha, o Ceilão foi o único que, em 1876-80, não foi capaz de enviar um carregamento ao menos igual ao de 1861-65. A queda em relação ao seu apogeu, 1866-70, de 28,6%, é indicativo da crise pela qual a região atravessava e que se aguçaria nos anos seguintes.³² Apesar disso, se considerarmos o período como um todo, o Ceilão foi o responsável por 693 mil das 1.396 mil toneladas importadas pela Inglaterra, praticamente 50% do total. A produção cafeeira indiana caiu mais lentamente do que a do Ceilão e, por essa razão, as exportações para a Inglaterra no quinquênio 1876-80 ainda foram bastante próximas do seu pico – a queda foi de apenas 9,5%. No geral, as colônias das Índias orientais foram responsáveis por 12,38% do café importado por sua metrópole.

Neste sentido, enquanto a produção nas colônias do oriente estagnou e logo depois despencou, as regiões produtoras das Américas, incluindo aí as colônias britânicas do Caribe – que não tinham o café como principal *commodity* para exportação –, expandiram suas remessas de café enviadas à metrópole, o que não significa dizer que tenham ampliado sua participação relativa nesse mercado. Embora sua participação sempre tenha sido pequena, cresceu continuamente entre 1861-65 e 1876-80, saindo de uma média de 1,79 mil toneladas anuais para 3,3 mil, um expressivo crescimento de 84% ou 4,2% ao ano e, mesmo assim, forneceu apenas 3,6% do café importado pelos ingleses ao longo destes 20 anos. Tanto o Brasil quanto a América Central apresentaram a mesma tendência contínua de crescimento, mas com intensidade maior, 461% e 132%, respectivamente. Isto significa que, entre 1861-80, as repúblicas centro-americanas obtiveram um crescimento anual de 23% de suas exportações para a Inglaterra, sintoma de fortíssima ascensão no mercado mundial de café ao longo da segunda metade do século XIX – as remessas brasileiras, por sua vez, cresceram em um ritmo de 6,6% ao ano. Ao longo dos 20 anos que pudemos mapear, a América Central foi a responsável por produzir quase 9% de todo o café importado pelos ingleses, enquanto ao Brasil, esta fatia foi de 11,54%.

O forte crescimento das importações de café brasileiro parece contradizer o argumento de Francis B. Thurber de que ele era pouco consumido em terras britânicas, principalmente se observarmos o montante das importações destinado ao consumo da população. Embora esta fatia tenha crescido levemente ao longo do período em questão – ainda que tenha havido uma queda do consumo *per capita*, fazendo com que, em 1880, os britânicos consumissem cinco vezes mais chá do que café – ela jamais atingiu as 15 mil toneladas anuais e, portanto, sempre respondeu por uma fração muito pequena do conjunto das importações de café do país. Infelizmente não dispomos dos dados de consumo para o quinquênio 1861-65, mas a partir de 1866-70 vemos que ele respondeu por uma fração equivalente a 17%-20% de todas as importações. O gráfico abaixo, construído a partir da documentação das autoridades britânicas junto das informações relativas ao consumo fornecidas por Francis B. Thurber, evidencia esta situação.



Fonte: Para os dados relativos à importação total de café, ver: *Annual Statement of the Trade and Navigation of the United Kingdom with Foreign Countries and British Possessions*. (Edições consultadas: 1863, 1868, 1872, 1876, 1880). Para os dados relacionados às importações de café destinadas ao consumo no Reino Unido, ver: THURBER, Francis B. op. cit. p. 211.

A explicação para o fato a Inglaterra importar um montante muito superior à sua capacidade de consumo se deve justamente aos lucros auferidos pela reexportação de mercadorias estrangeiras. Portanto, uma parte nada desprezível do café consumido em outras praças europeias, sobretudo àquelas em que os vínculos diretos com as zonas produtoras eram baixos, era fornecido pela Grã-Bretanha, que reexportava maior parte do volume que entrava em seus portos. É o caso evidente da Holanda. Conforme demonstramos acima, o consumo *per capita* deste país, a partir do último quarto do século XIX, era bastante elevado, mas suas importações diretas do porto do Rio de Janeiro, talvez o maior porto exportador de café do mundo àquela altura, eram quase desprezíveis. Segundo os dados levantados diariamente a partir do *Jornal do Commercio* e do *Diário do Rio de Janeiro*, o porto de Amsterdã, sem dúvidas o principal porto holandês, recebeu tão

somente 0,51 mil toneladas de café provenientes do porto do Rio de Janeiro entre 1851-1885.³³ No entanto, entre 1861-80, os holandeses importaram 348,3 mil toneladas de café da Grã-Bretanha.³⁴ Isto não significa dizer que tudo isto era consumido por holandeses. Certamente não era, pois este país, como vários outros, também deveriam adquirir mais do que sua capacidade de consumo para que pudessem reexportá-lo a outros mercados.

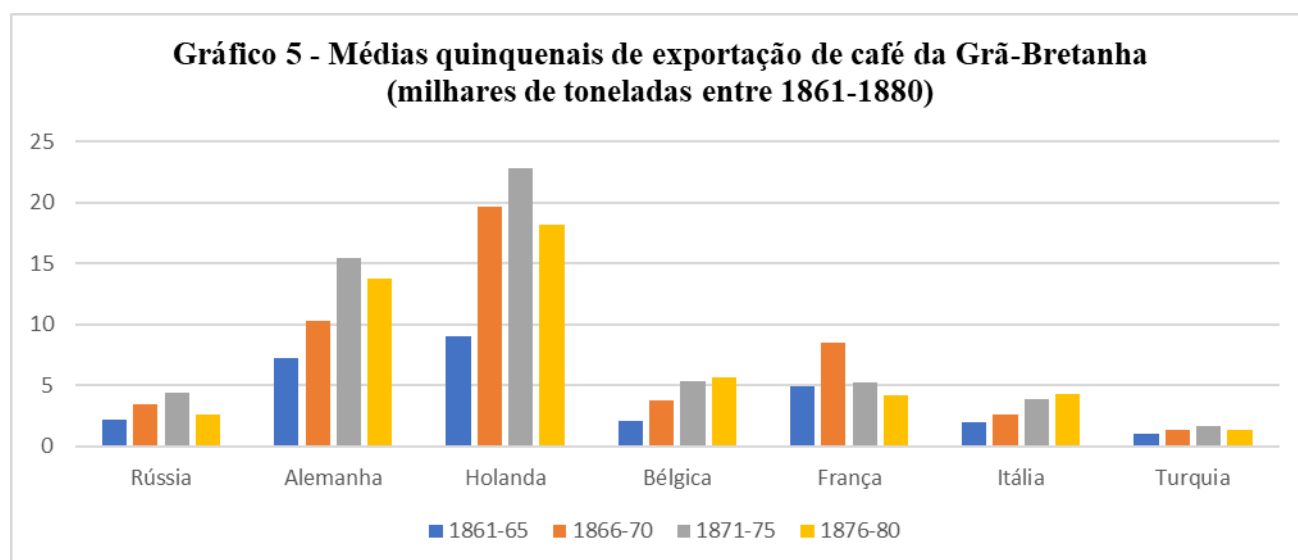
Retomemos agora a afirmação de Francis B. Thurber de que o café brasileiro tinha baixíssimo apelo entre os ingleses. Embora o montante importado pelos ingleses do Brasil correspondesse a 78% do total consumido no país entre 1866-80, evidentemente não era deste café que os ingleses se serviam. Afinal, o montante trazido das colônias do oriente era equivalente a 330% daquilo que os ingleses consumiam, ou seja, poderia abastecer todo o mercado nacional que ainda haveria o suficiente para estocar e contrabalancear variações abruptas nos preços, bem como para reexportar – entre 1869-80, os estoques anuais de café da Inglaterra oscilaram entre 27 e 15 mil toneladas.

Apesar de tudo isso, o café brasileiro conseguiu, aos poucos, assumir uma fatia cada vez maior no conjunto das importações britânicas – ao fim e ao cabo, o que interessava aos fazendeiros do Brasil era que houvesse demanda para seu produto, não importando quem fosse consumi-lo. Nos quinquênios 1861-65 e 1866-70, as 4,74 e as 7,13 mil toneladas que o Brasil exportou para a Inglaterra correspondiam a aproximadamente 10% do total, números que, nos dois quinquênios seguintes subiram para 12% em 1871-75 e para quase 15% em 1876-80.

Já em relação às reexportações, destacamos o fato de um conjunto de sete países eram os responsáveis por absorver cerca de 90% de todo o café reexportado pelos britânicos, quais sejam: Rússia, Alemanha, Holanda, Bélgica, França, Itália e Turquia. O gráfico abaixo demonstra o quanto cada um absorveu deste montante.

33Jornal do Commercio (todas as edições entre 1851-1885). Diário do Rio de Janeiro (todas as edições entre 1872-1876).

34Annual Statement of the Trade and Navigation of the United Kingdom with Foreign Countries and British Possessions. (Edições consultadas: 1863, 1868, 1872, 1876, 1880).



Fonte: *Annual Statement of the Trade and Navigation of the United Kingdom with Foreign Countries and British Possessions*. (Edições consultadas: 1863, 1868, 1872, 1876, 1880).

Das 1054 mil toneladas de café exportadas pela Grã-Bretanha entre 1861-80, 348 mil ou 33% foram destinadas à Holanda; 234 mil ou 22% foram destinadas à Alemanha; 114 mil ou 11% foram destinadas à França; 83,69 mil ou 8% foram destinadas à Bélgica; 64 mil ou 6% foram destinadas à Itália; 63,1 mil ou 6% foram destinadas à Rússia; e 27,04 mil ou 2,5% foram destinados à Turquia. Se, inicialmente, analisarmos estes dados separando-os por décadas, ao invés de dividirmos por países, veremos que a demanda por café no continente europeu aumentou significativamente, pois as exportações britânicas cresceram 45% nos anos 1870 em relação ao decênio anterior – eram aproximadamente 429 mil toneladas entre 1861-70 e passaram à 624 mil entre 1871-80. Vejamos agora a inserção de cada um desses países no mercado mundial de café.

O caso da Rússia é parcialmente semelhante ao da Holanda, uma vez que o contato de seus portos com o do Rio de Janeiro também era bastante precário, pelo menos no que diz respeito à importação de café – mais uma vez a baixa qualidade do café brasileiro frente à de outras regiões do mercado mundial dificultavam sua penetração em mercados europeus. Entre 1851-1885, o porto de Wyborg, cidade próxima à atual Finlândia, importou apenas 1,81 mil toneladas de café.³⁵ Neste sentido, as importações provenientes da Grã-Bretanha eram 34 vezes maiores do que as adquiridas diretamente da Corte.

Os casos da Turquia e da Bélgica eram apenas parcialmente diferentes, já que as importações de ambos os países diretamente da capital do Império do Brasil foram de 22,75 mil e 77,63 mil toneladas entre 1851-85 – da Inglaterra, ambos os países importaram

³⁵Jornal do Commercio (todas as edições entre 1851-1885). Diário do Rio de Janeiro (todas as edições entre 1872-1876).

um volume maior quase na metade do tempo, em 20 anos.³⁶ A Itália, por sua vez, também importou muito mais dos ingleses em 20 anos do que do Rio de Janeiro em 35 – os periódicos registraram um total de 51 mil toneladas exportadas para este país entre 1851-85.³⁷

Apesar dos holandeses serem os maiores importadores do café proveniente da Inglaterra, é necessário destacar que, muito provavelmente, maior parte de suas importações eram referentes às suas colônias, principalmente Java, que entre 1861-80 exportou 1211 mil toneladas, das quais maior parte, certamente, foram endereçadas à Amsterdã. Se considerarmos que os britânicos importaram 83% de todo o café proveniente do Ceilão entre 1861-80, ou seja, 693 mil das 836 mil toneladas produzidas por essa colônia, e aplicarmos percentual semelhante para as importações holandesas de Java, teríamos um montante de 930 mil toneladas de café que, se somadas às 348 mil oriundas da Inglaterra, resultariam em 1469 mil toneladas, cerca de 73,45 mil por ano ao longo de 20 anos – os dados de Thurber indicam uma importação média anual de 69 mil toneladas entre 1869-80.³⁸ Por maior que fosse o consumo *per capita* da diminuta população holandesa, que entre 1847-50 e 1880 apresentou um crescimento de apenas 33%, atingindo nesta última data aproximadamente 4 milhões de habitantes,³⁹ diante de um montante tão significativo, fica evidente que a Holanda, assim como a Inglaterra, atuava como intermediária no comércio de café para outros espaços da Europa e do mundo. Não à-toa, são as duas únicas metrópoles europeias possuidoras de colônias com produção cafeeira digna de relevância no cenário internacional.

Infelizmente, dispomos de poucos dados relativos às exportações holandesas de café. Francis B Thurber aponta uma média anual de 70,17 mil toneladas de café exportadas pela Holanda entre 1863-1877 – as importações anuais, segundo este autor, eram, em média, de 91 mil toneladas.⁴⁰ Mas podemos comprovar esta hipótese ao analisarmos os dados referentes às importações do porto de Hamburgo, entre 1857-85, que demonstram que 105,48 mil toneladas foram adquiridas junto à Holanda.⁴¹ Esta mesma documentação também reafirma a posição da Grã-Bretanha de grande exportadora de café – somente o

36Jornal do Commercio (todas as edições entre 1851-1885). Diário do Rio de Janeiro (todas as edições entre 1872-1876).

37Jornal do Commercio (todas as edições entre 1851-1885). Diário do Rio de Janeiro (todas as edições entre 1872-1876).

38THURBER, Francis B. op. cit. p. 214.

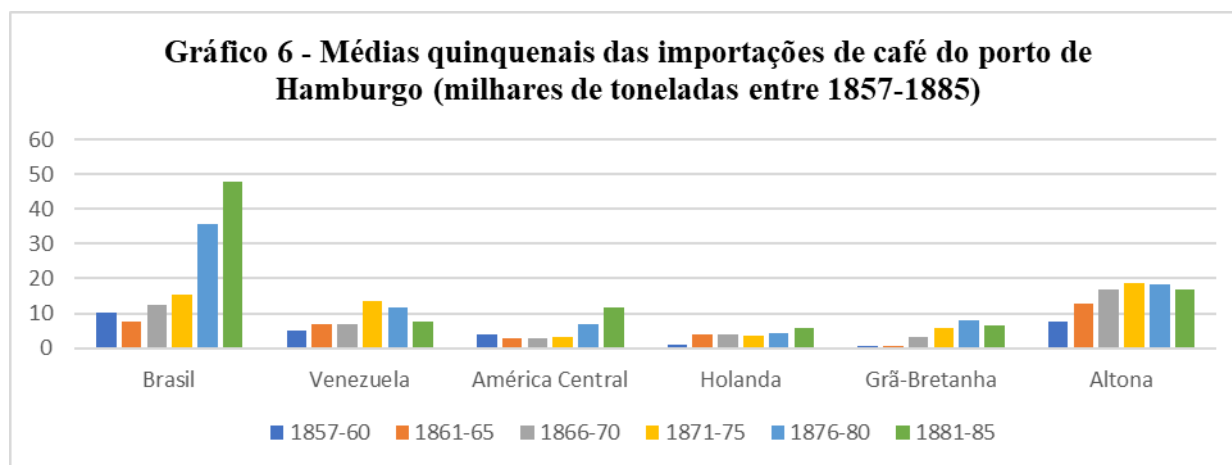
39Os dados referentes à população holandesa entre 1847-50 podem ser consultados em HOBBSAWM, Eric J. A Era do Capital (1848-1875). São Paulo: Paz e Terra, 2016^a. p. 462; os dados referentes à população holandesa em 1880 podem ser consultados em HOBBSAWM, Eric J. A Era dos Impérios (1875-1914). São Paulo: Paz e Terra, 2016b. p. 515.

40THURBER, Francis B. op. cit. p. 215.

41Tabellarische Uebersichten des Hamburgischen Handels (1857-1885).

porto de Hamburgo recebeu cerca de 113 mil toneladas de café, entre 1857-85, provenientes da Inglaterra.

A Alemanha, que não possuía colônias cafeeiras e sequer era um país unificado até os anos 1870, apresentou comportamento distinto dos demais territórios analisados no gráfico 5 – entre 1869-80, seu consumo anual de café foi de aproximadamente 96 mil toneladas. Ou seja, suas aquisições no mercado visavam tão somente o abastecimento de sua população, não os lucros provenientes das reexportações. Portanto, as exportações britânicas, que equivaleram a 11,7 mil toneladas anuais, respondiam por apenas 12% do consumo do país. Por essa razão, para entendermos sua inserção no mercado mundial de café é necessário observarmos mais cuidadosamente sua pauta de importações, a partir dos mesmos dados referentes ao porto de Hamburgo. O gráfico abaixo cumpre este papel.



Fonte: *Tabellarische Uebersichten des Hamburgischen Handels* (1857-1885).

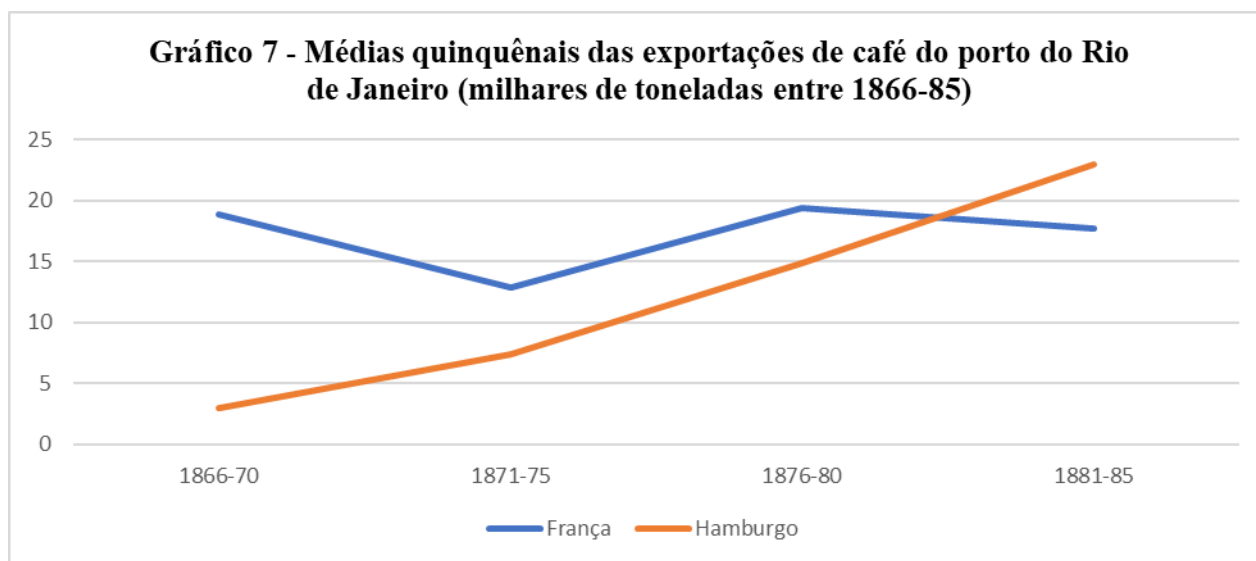
Os seis fornecedores do gráfico 6 respondem por cerca de 91% de todo o café importado por Hamburgo entre 1857-1885, ou seja, 1598 mil das 1762 mil toneladas. Trata-se de três grandes produtores e duas grandes intermediárias das transações cafeeiras globais. Altona, uma espécie de distrito de Hamburgo, possuía um porto próprio e remetia seus carregamentos para o porto principal. Deste modo, o café despachado de Altona era, muito provavelmente, proveniente das mesmas regiões. Como a Alemanha não possuía colônias cafeeiras, seu mercado não era protegido e nem dava qualquer tipo de privilégio a determinados fornecedores em detrimento de outros. Por essa razão, as Américas, responsáveis por mais de 50% da produção mundial de café ao longo de toda a segunda metade do século XIX, exercem clara preeminência sobre a produção oriunda das colônias orientais da Inglaterra e da Holanda, mesmo antes de seus respectivos colapsos produtivos. Entre 1857-60, as duas potências europeias exportaram, juntas, apenas 1,63 mil toneladas de café por ano, ou seja, cerca de 5% do total. No entanto, é importante destacar a grande participação relativa que o porto de Altona possui sobre as importações

de Hamburgo, pois 7,77 mil toneladas anuais nos quatro primeiros anos, cerca de 24%, vieram de lá. Não está descartada a possibilidade de parte significativa deste carregamento ser proveniente da Inglaterra e/ou Holanda. Mesmo assim, o panorama geral estaria longe de ser modificado: havia preeminência americana ou mesmo sul-americana no abastecimento do mercado alemão. Brasil e Venezuela, juntos, exportaram 46% de todo o café nos primeiro quatro anos. Se adicionarmos o montante exportado pela América Central, estes números sobem para quase 59%.

Os efeitos da industrialização sobre o mercado mundial de café são muito evidentes no caso alemão, embora não possamos subestimar o peso da unificação. A expansão da demanda é bastante acelerada. No quinquênio 1861-65, as importações cresceram apenas 14% em relação ao período anterior, mas o que se vê a partir daí é uma evidente aceleração deste processo. As 49,5 mil toneladas métricas anuais importadas entre 1866-70 representaram um crescimento de quase 34% em relação ao quinquênio anterior. Da mesma forma, as 93,05 mil toneladas anuais importadas entre 1876-80 representaram um crescimento de 50% em relação ao período 1871-75. Em linhas gerais, entre os períodos de 1857-60 e 1881-85, as importações cresceram 237%, ou seja, em uma média de quase 8,8% ao ano.

As regiões que mais proveito tiraram desta situação foram, sem dúvida, o Brasil e a América Central, que conseguiram manter as exportações para Hamburgo em uma tendência de crescimento até o final do período, diferentemente da Venezuela e da Inglaterra, que iniciam um declínio das exportações a partir de 1876-80 e 1881-85, respectivamente. Neste sentido, as exportações brasileiras saltaram de 7,79 mil toneladas entre 1861-65 para 12,25 mil toneladas entre 1866-70, crescimento de 57%. Neste último quinquênio, a produção brasileira passou a compor $\frac{1}{4}$ das importações de café do porto de Hamburgo – apesar de elas terem sido de um terço no período 1857-60, haviam caído para 21% entre 1861-65. No quinquênio 1876-80, o Brasil voltou a ter uma participação relativa maior no mercado alemão, pois suas exportações em direção a Hamburgo cresceram 132% entre 1871-75 e 1876-80, saindo de uma média anual de 15,37 mil para 35,64 mil toneladas. Neste último período, o Império já era responsável pelo fornecimento de 38% do café consumido anualmente pela população alemã. No último quinquênio de nossa série, esta tendência se aprofunda: as exportações brasileiras crescem 35% em relação ao período anterior, atingindo a cifra de quase 48 mil toneladas anuais, e passam a compor cerca de 45% de todo o café importado por Hamburgo. Podemos medir a grande importância que o mercado alemão adquiriu para o café brasileiro comparando as exportações deste mercado

com as destinadas ao mercado francês, o terceiro maior comprador de café do porto do Rio de Janeiro entre 1851-1885, a partir do gráfico abaixo.



Fonte: *Jornal do Commercio* (todas as edições entre 1851-1885). *Diário do Rio de Janeiro* (todas as edições entre 1872-1876).

De maneira geral, nos 20 anos entre 1866-1885, as exportações endereçadas à França – os portos são os de Marselha, Bordeaux, Nantes e Le Havre – mantiveram-se estáveis, embora tenham apresentado oscilação durante os anos 1870, enquanto as destinadas à Hamburgo cresceram continuamente, sobretudo a partir desta década. Em um primeiro momento (1866-70), as exportações para a França eram seis vezes maiores do que as destinadas a Hamburgo – 18,82 mil a 3 mil toneladas. No último quinquênio, entretanto, não só havia ultrapassado a França, como também a própria Inglaterra.⁴² Deste modo, desde meados dos anos 1870, mas sobretudo a partir dos anos 1880, o mercado alemão havia se tornado o segundo em importância para o café brasileiro.

Se cruzarmos as informações das *Tabellarische Uebersichten des Hamburgischen Handels* com as obtidas junto aos periódicos brasileiros,⁴³ podemos observar o quão relevante era o café do porto do Rio de Janeiro nas importações hamburguesas de café provenientes do Brasil. Como vimos no gráfico 6, entre 1857-60, o Brasil exportou para a cidade alemã 10,19 mil toneladas anuais de café, das quais 3,72 mil saíram dos portos da capital do Império, ou seja, 36,5% das exportações brasileiras, mas apenas 11,5% das importações totais de Hamburgo. Após um período de baixa das exportações brasileiras e, por conseguinte, do Rio de Janeiro, entre 1861-65, no período seguinte, 1866-70, as exportações brasileiras para Hamburgo cresceram 20% em relação ao montante 1857-60,

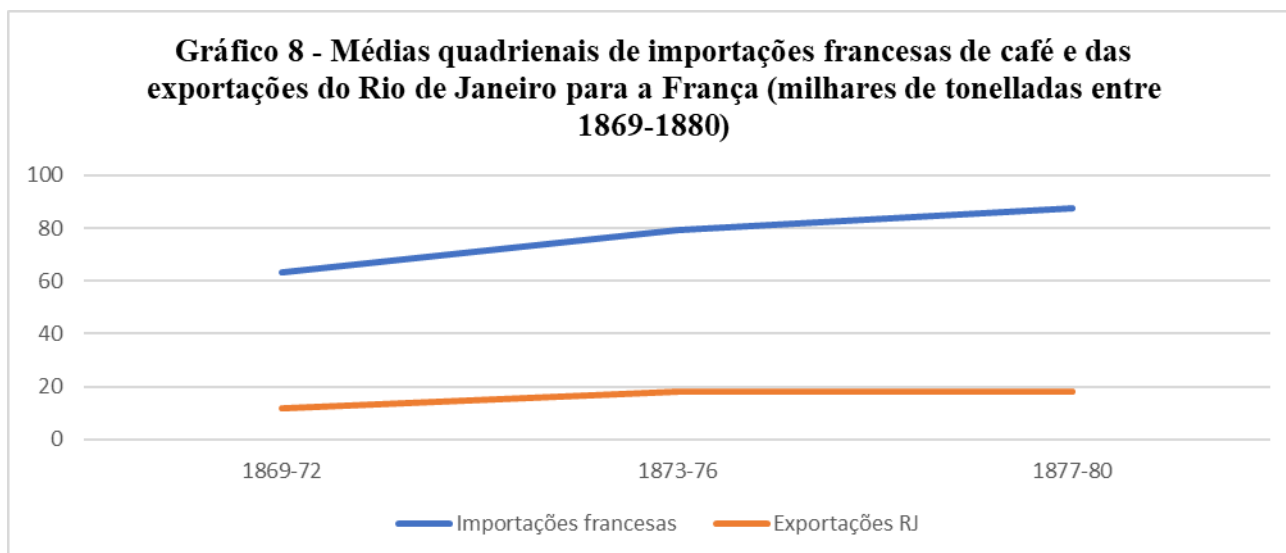
⁴²Considerando apenas as exportações destinadas à Ilha da Grã-Bretanha e, portanto, excluindo os territórios europeus sob domínio britânico como as Ilhas do Canal da Mancha ou Gibraltar.

⁴³*Jornal do Commercio* (todas as edições entre 1851-1885). *Diário do Rio de Janeiro* (todas as edições entre 1872-1876).

atingindo a cifra das 12,25 mil toneladas anuais, das quais penas 3 mil ou 25% do total saíram da Corte, que respondeu tão somente por 6% das importações totais da cidade alemã. A partir dos anos 1870, no entanto, o que vemos é o café brasileiro ganhando espaço no conjunto das importações de café de Hamburgo ao mesmo tempo que o Rio de Janeiro aumenta sua participação nas remessas do Brasil. No quinquênio 1871-75, as exportações brasileiras de café destinadas a Hamburgo cresceram 25,5%, chegando a 15,37 mil toneladas anuais, das quais 6,74 mil (43%) vieram do Rio de Janeiro, que respondeu por quase 11% das importações globais anuais de Hamburgo no período. Nos dois últimos quinquênios, 1876-80 e 1881-85, as exportações brasileiras para o principal porto alemão foram, respectivamente, de 35,64 mil e 47,87 mil toneladas anuais, das quais 14,9 mil (42%) e 22,94 mil toneladas (48%) saíram do porto do Rio de Janeiro, números que corresponderam, respectivamente, a 16% e 21% das importações totais de café de Hamburgo. Ao que parece, o mercado alemão não rejeitou de modo tão veemente o café brasileiro como os holandeses e britânicos.

A trajetória do café centro-americano na Alemanha é muito semelhante à do brasileiro. Se no início dos anos 1870, apenas 5% do café importado por Hamburgo era proveniente daqueles países, na segunda metade desta década este número subiu para 7,35% e, na primeira metade da seguinte, atingiu 10,54%. Portanto, além das exportações para Hamburgo terem crescido em valores absolutos, elas também foram grandes o suficiente para ganharem espaço relativo. Talvez não seja coincidência que a participação relativa do porto de Altona no conjunto das importações de Hamburgo tenha começado diminuir significativamente justamente a partir dos anos 1870 – ao longo dos anos 1860, ela ficou em torno de 33%-36%, números que reduziram para 30%, 20% e 15% em 1871-75, 1876-80 e 1881-85, respectivamente. Os europeus, por sua vez, iniciam o período com uma participação relativa muito baixa no mercado alemão, conforme já dissemos. No entanto, ganham importância ao longo do período, mas nos últimos quinquênios tendem à estagnação (Holanda) e ao declínio (Inglaterra).

Resta-nos analisar a evolução da demanda por café na França. Infelizmente não dispomos de nenhum documento a respeito de importação/exportação de portos franceses. Nossa única fonte de informação serão os periódicos brasileiros e os dados fornecidos por Francis B. Thurber. Por essa razão, não seremos capazes de comparar a inserção do café de diferentes regiões produtoras, como fizemos nos casos da Inglaterra e da Alemanha. O gráfico abaixo inicia nossa análise comparando as importações francesas de café com as exportações do Rio de Janeiro para a França.



Fonte: *Jornal do Commercio* (todas as edições entre 1869-1880). *Diário do Rio de Janeiro* (todas as edições entre 1872-1876); THURBER, Francis B. op. cit. p. 213.

Assim como nos Estados Unidos e na Alemanha, também na França a demanda por café parece ter crescido de modo significativo. Entre os períodos 1869-72 e 1877-80, o crescimento das importações foi de 72%, ou seja, a uma taxa de 6% ao ano, saindo de 63,2 mil para 87,5 mil toneladas anuais. Entre 1869-72, as exportações fluminenses anuais foram de 11,7 mil toneladas, que correspondiam a 18,5% das importações francesas de café. No período seguinte, as importações francesas cresceram 25%, atingindo a média anual de 79,13 mil toneladas, enquanto as exportações da capital do Império para os portos franceses cresceram 55%, atingindo o volume de 18,16 mil toneladas anuais. Neste período as exportações fluminenses correspondiam a 23% das importações francesas. Mas a demanda dos franceses continuou crescendo e as exportações do Rio de Janeiro estagnaram no último período, mantendo as 18,16 mil toneladas anuais. Isto fez com que a participação relativa do café do Rio de Janeiro no conjunto das importações francesas caísse a 20%.

É justamente a partir da segunda metade dos anos 1870 que o mercado alemão começa a ganhar uma importância relativa maior para o café brasileiro em relação ao mercado francês. O que se vê, portanto, é que os produtores brasileiros e, mais especificamente, das zonas produtoras ligadas ao porto do Rio de Janeiro, não tiveram a capacidade de responder à ampliação da demanda dos mercados europeus como um todo. Para responder ao crescimento do consumo dos alemães, foi necessário manter estáveis as remessas de café endereçadas à França. Não há dúvida que este espaço não ficou “ocioso” sequer por uma safra, pois certamente foi ocupado por outros produtores que disputavam ferozmente o espaço em um mercado que tendia à expansão.

Considerações finais

Entre 1851-85, todos os produtores globais de café estavam plenamente conscientes das dificuldades apresentadas: a de competir pelos novos mercados que o adotavam como item de necessidade básica em uma conjuntura de preços em ascensão que, por sua vez, está relacionada à irregularidade na oferta combinada à expansão acelerada da demanda por esta *commodity* em escala global. É justamente desta incapacidade dos grandes produtores tradicionais de responderem a esta demanda que surgem e/ou se desenvolvem novas regiões produtoras nas Américas – Venezuela e América Central/Caribe –, algumas delas no Império do Brasil: o Oeste de São Paulo e a própria Zona da Mata Mineira.

Recebido em 13 de junho de 2023
Aceito em 26 de agosto de 2023